

O PMDB descansa em paz; pelo bem da democracia.

Nenhum outro partido, em toda a história do Brasil, jogou fora em tão pouco tempo — menos de três anos e meio desde a instalação da Nova República — um capital eleitoral e político tão grande quanto o que o PMDB está dilapidando. O partido que em 1984 conseguiu levar multidões às praças públicas para gritar por diretas-já, que em novembro de 1986 elegeu 22 governadores em 23 Estados e poderia, naquela ocasião, “escrever a Constituição que bem entendesse” como disse com toda a razão o seu líder Fernando Henrique Cardoso, está-se deteriorando e dá sinais evidentes de que começa a definhar.

A trajetória do PMDB/MDB, ao longo desses seus mais de vinte anos de existência, desde os duros tempos da luta contra o regime militar ao apogeu em 1986, é o mais bem acabado retrato de uma das grandes mazelas da “cultura” política nacional: a incapacidade dos políticos (e, por conseqüência) dos partidos brasileiros de seguirem sempre uma linha de ação independente do poder do Estado, mantendo, seja na oposição seja na situação, sua função primordial de canal de comunicação dos anseios e interesses da sociedade. Em outras palavras: eles são incapazes de se comportar preferencialmente como instituições da chamada sociedade civil.

Essa é uma fatalidade que vem desde o Império, o que ajuda a compreender o drama político-institucional brasileiro: nossos partidos só conseguem ocupar o espaço de veículos institucionalizados das demandas sociais enquanto amargam a dura vida de oposição. Quando assumem o governo, talvez para recuperar o tempo passado à sombra, eles não resistem aos atrativos das benesses e dos cargos oficiais e passam a se comportar como mais um órgão do aparelho de Estado.

Dá-se, então, uma estranha simbiose: a burocracia estatal passa a usar o partido para manter seus privilégios e os políticos passam a usar a máquina estatal para se manterem no poder. Esse é um dos motivos — talvez o principal — pelos quais o Brasil ainda não conseguiu implantar um verdadeiro e duradouro regime democrático. Faltam à sociedade brasileira canais não viciados de comunicação e manifestação política. A população figura na história das atividades partidárias neste país apenas como um veículo para a ascensão dos candidatos a homens públicos. O cidadão é simplesmente o eleitor, um produto que se usa apenas nas vésperas dos pleitos. E, enquanto não houver uma ligação orgânica e permanente entre militantes dos partidos e a população, não poderemos sonhar com um regime democrático.

É inegável que o PMDB/MDB, durante algum tempo, cumpriu bem a função de canal de comunicação da sociedade. Chegou até a dar a impressão de que poderia vir a ser realmente um partido político e não apenas uma frente de oposições e uma legenda eleitoral. Isso, apesar de haver nascido quase como uma oposição consentida (é bom não esquecer que o marechal Castelo Branco pediu a seu amigo, oficial da reserva do Exército brasileiro, senador Oscar Passos, que assinasse o manifesto de fundação do então nascente MDB para que ele pudesse legalmente funcionar); apesar dos vícios do passado que carregou desde sua fundação ao incorporar velhas raposas políticas do sistema anterior e apesar do radicalismo irresponsável de uma parcela de seus componentes. Bafejado pelas simpatias de uma sociedade insatisfeita com os governos militares que se seguraram ao do marechal Castelo Branco, o PMDB/MDB deu a impressão de que poderia ser moderno.

No entanto, ele também não resistiu ao exercício do poder. Sua degradingolada começou em 1982, quando elegeu os primeiros governadores em Estados importantes da Federação, acentuou-se a partir da instalação da Nova República e entrou num irreversível plano inclinado com a avalanche eleitoral de 1986, quando se tornou um partido hegemônico na cena política nacional.

O atestado de óbito da velha imagem do PMDB foi passado no último domingo, durante as convenções estaduais do partido para a eleição dos diretórios e das comissões executivas regionais e para a definição dos delegados às convenções nacionais, inclusive a que irá escolher o candidato peemedebista à sucessão do presidente José Sarney. O PMDB assumiu definitivamente sua função de partido chapa-branca, verdadeira máquina eleitoral das administrações estaduais. A serviço dos interesses eleitorais dos governadores e seus amigos e completamente divorciado da população.

Com o uso descarado da máquina oficial, os chefes dos Executivos estaduais dominaram totalmente a legenda e impuseram as composições que bem entenderam. Os descontentes com essa situação, os dissidentes que em Brasília já somam quase uma centena, ou aceitaram essas composições ou nem se atreveram a entrar na disputa: em praticamente todos os Estados a convenção votou em chapas únicas, armadas pelos palácios governamentais. Na Executiva regional de São Paulo, por exemplo, dos 70 membros 27 são diretamente ligados ao governo Quéricia, no primeiro e segundo escalão. Os principais líderes da dissidência paulista, os senadores Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas, diante do massacre que se configurava, nem perderam tempo em sair de Brasília no final da semana.

A conseqüência desse jogo de cartas marcadas foi o completo desânimo em que transcorreram as convenções, apesar de toda a sua importância. O desinteresse das bases foi evidente: o comparecimento médio em todo o País resumiu-se à metade dos convencionais. O caso paulista é ilustrativo: no Estado em que o PMDB tem — ou tinha — a sua maior base eleitoral e onde tem pelo menos quatro aspirantes à presidência da República, dos 2.137 delegados com direito a voto só 1.088 (50,9%) votaram efetivamente no domingo. A outra metade nem saiu de casa. Esse é o mais claro sinal de que o PMDB entrou naquela fase de declínio popular da qual nenhum partido político brasileiro até hoje conseguiu se recuperar.

O senador Fernando Henrique Cardoso, uma das estrelas do indeciso bloco dos dissidentes, diz que o PMDB “arenizou-se”, numa alusão ao partido político que serviu aos governos militares e acabou liquidado eleitoralmente por causa de suas ligações muito estreitas com o poder. É certo que o PMDB está cada vez mais parecido com a Arena (e o PDS) mas o fenômeno pelo qual passa agora tem um outro nome: chama-se estatização.

É assim que morrem os partidos. O dr. Ulysses ainda tenta, com a ajuda dos governadores, manter funcionando esse defunto PMDB, como uma legenda eleitoral para funcionar na sucessão do presidente Sarney. Só que inutilmente. Quem está com a razão é um outro dissidente peemedebista, o senador José Richa. O PMDB (aliás como todo o atual sistema partidário brasileiro) não tem mais salvação. E a sociedade brasileira pode até homenageá-lo pelos serviços que prestou, mas não irá lamentar o seu desaparecimento. Pelo bem da democracia.

JORNAL DA TARDE

11 MAI 1988